

OBRA ANALISADA	Viagens na minha terra
GÊNERO	Prosa
AUTOR	João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett O apelido possivelmente irlandês, Garrett, herdado de uma avó paterna, foi incorporado ao nome de nosso autor, pelo caráter de estrangeirismo que muito lhe agradava.
DADOS BIOGRÁFICOS	Nascimento: 4 de fevereiro de 1799, Porto. Morte: 9 de dezembro de 1854, Lisboa.
BIBLIOGRAFIA	Em 1912, seu único livro publicado, com a inclusão de um poema inacabado – A Meretriz. (1823) É neste período que as primeiras sementes do Romantismo começam a germinar dentro do escritor. Lê Musset e Victor Hugo donde encontra mais estímulos para aderir à corrente que parecia invadir o mundo. = OBRA ÉPICA e LÍRICA Em verso: 1825) Camões Poema lírico em decassílabos livres, <u>obra inaugural do Romantismo português</u> ; o tema é a vida do grande épico. Já no prólogo, afirma Garrett: <i>A indole deste poema é absolutamente nova</i> . Novo no conteúdo, na visão idealizada de um Camões que retorna do exílio acompanhado do escravo Jau, e na penúria, mas ainda concebido no molde clássico quanto à estrutura – dez cantos. Garrett abjura a mitologia e a saudade passa a ser o <i>leitmotiv</i> do poema: a composição de Os Lusíadas serve de base a uma evocação saudosa, tanto de Camões como de um Portugal que não era mais o refúgio da liberdade, mas do obscurantismo; a saudade de um Portugal mítico, da amplidão dos mares, dos monumentos, das glórias históricas. PERSONAGENS: Camões, o missionário, o Conde e Jau. O rancor da vingança – o Conde e Camões são rivais – cede lugar à reconciliação no Canto IX, ou melhor, à magnanimidade. (1826) D. Branca Poema lírico em decassílabos livres: profissão de fé romântica, pelo repúdio das normas clássicas do recurso às fontes mitológicas. ENREDO: amores fatais e infelizes da infanta D. Branca, filha do Rei Afonso III, raptada por um príncipe árabe – chefe mouro – Aben-Afan, quando se dirigia para o mosteiro de Huelgas, em Burgos, para ser nomeada abadessa. Essa aventura é interrompida com a conquista de Silves por Afonso III, e Aben-Afan é morto em combate. Entrelaçam-se no poema os encantamentos da fada Alina, que protege Aben, e os esconjuros do São frei Gil de Santarém. Mistura de lenda e de história, trata, em última análise, do problema insolúvel do amor. ATENTE!! É obra maliciosa, de tons que raíam pela

licenciosidade.

(1829) Lírica de João Mínimo

Coletânea de poemas da juventude, da inspiração neoclássica, com algumas tintas iluministas, via leitura de obras de Filinto Elísio e Bocage. O traço iluminista está nas poesias libertárias e patrióticas: O Brasil liberto, que antecede a independência conquistada em 1822. De fato, ele o escreveu em dezembro de 1820 e nele denuncia o colonialismo e afirma ter esperança de que o Brasil seja o *refúgio temporário da liberdade portuguesa*. As ideias sobre a independência da América e da liberdade que surgira no Novo Mundo vão aparecer, mais tarde, no jornal O Popular, de 1826, sob o título Portugal na balança da Europa. Aluda-se ainda às fábulas e contos que aparecem nesta edição na linha da espontaneidade da poesia de João de Deus.

(1845) Flores sem fruto

Traduções de autores clássicos greco-latinos aparecem no primeiro livro desta coletânea. No segundo, Garrett dá o seu toque pessoal, reclama da inconstância do amor – havia se divorciado de Luísa Midosi – em alguns poemas.

(1853) Folhas caídas

Sem dúvida, o melhor da lírica garrettiana. Vivia o autor a sua grande paixão outonal pela viscondessa da Luz, Rosa de Montufar Barreiros. A esse livro pertencem as suas melhores composições poéticas – Os cinco sentidos, Não te amo, Este inferno de amar, Estes sítios, O anjo caído e Barca Bela. Garrett procura dessacralizar o ato poético, a sua confissão amorosa é desinibida – o sentimento amoroso predomina; o EU mostra-se tal qual é. Narcisista e ególatra, dá azo a seus queixumes, às suas incertezas e às suas angústias.

ALERTA!

As Folhas Caídas podem ser colocadas ao lado da carta de Carlos, no final das Viagens na minha terra.

== OBRAS JUVENIS

(1822) O Retrato de Vênus, poema didático em verso livre, em que procurou fazer história da pintura; foi considerada obra indecorosa, obrigando-o a se defender das malhas de um processo judicial. Isso mesmo! Nesse processo por libertinagem, faz sua própria defesa, sendo absolvido pelo tribunal. Fora chamado de ateu, ímpio, materialista e obsceno. O Conselho dos Juizes declarou que o poema não continha abuso da liberdade de imprensa, nem o acusado era criminoso.

O roubo das sabinas

Constava do espólio de Garrett adquirido em 1947 pela Universidade de Coimbra. Foi publicado por Augusto da Costa Dias, em 1968. Provavelmente,

Garrett o escrevera na mesma época do Retrato de Vênus. A inspiração, fora buscá-la na História romana, de Tito Lívio.

Adosinda, poema-conto em quatro cantos, baseados num romance popular, folclórico; mais tarde, Garrett o incluiria no Romanceliro.

== OBRA DE FICÇÃO

Em prosa:

(1845) O Arco de Sant'Ana

Obra iniciada com a revolução liberal e o cerco do Porto, e concluída em 1845. Romance de caráter histórico, trata de uma revolta popular no Porto contra os abusos do bispo, passando-se a ação no reinado de D. Pedro (1320 – 1327). Quem chefia o motim é Vasco, filho do bispo irresponsável. O pai o destinara à vida religiosa, mas Vasco prefere liberar o povo que ateia fogo ao palácio episcopal. O rei D. Pedro intervém na revolta, destitui o bispo e o castiga exemplarmente. Vasco acaba por casar com a sua apaixonada Gertrudes. O fato histórico, Garrett retirou-o da crônica de Fernão Lopes. A revolta do povo é sugerida pela ação dos liberais durante o cerco do Porto.

O único romance que escreveu, de certo modo inspirado em Notre Dame de Paris, de Vítor Hugo, revive cenas do tempo de D. Pedro, o Cru – ou o Justicheiro – fúrias do povo e iras de rei para castigar um prelado que não procedia bem. Não é sem fundamento que se arguiu Garrett de anticlerical.

ALERTA!

Tanto a obra lida quanto D. Branca, O Arco de Sant'Ana provam o seu pouco respeito àqueles que vestiam o hábito religioso.

(1843) **Viagens na minha terra**, publicado primeiro na Revista Universal Libonense e depois em livro (1846)

(1809) - Desta época, datam suas primeiras odes anacreônticas e até mesmo um sermão. Contudo, a vocação do prosador, poeta e dramaturgo, do orador e do político, falou mais alto que a de padre.

(1854) Escrevia o romance Helena, de temática social e ambientado no Brasil, quando falece a 9 de dezembro.

Garrett começou a escrevê-lo em 1853. De temática social, ambientado na Bahia, seria um dos escritos BRASILEIROS do autor. Garrett deixou 24 capítulos. A doença e o estado físico impediram-no de levar adiante seu projeto.

O último capítulo acrescenta às fontes já conhecidas, e de que se utilizou nosso escritor – a luta abolicionista, a denúncia dos males do colonialismo, a leitura do romance de Harriet Beecher-Stowe, a cabana do Pai Tomás, publicado nos EUA, em 1852.

A paisagem brasileira, do sertão da Bahia, a exploração do índio, pela crapulosa civilização das cidades, a escravidão dos negros são as notas deste

romance inacabado, mas revelam a preocupação dele contra toda forma de opressão e de injustiça social.

(1956) Komurahy

Esboço de um romance, inspirado nas histórias indígenas, notadamente em frei José de Santa Rita Durão e em Ferdinand Dinis, e provavelmente nos Ensaios de Montaigne, Garrett tenta narrar as peripécias do índio Komurahy, na "história brasileira". Pena que não tivesse continuado a sua história. Ela mal se delinea, mas aponta a mesma ideologia do autor em favor dos oprimidos, quando verbera o confinamento dos índios, os maus tratos, e reclama da contradição entre as promessas dos europeus e a missão civilizadora do Cristianismo.

== OBRA DRAMÁTICA

Foi notável, a muitos aspectos, a ação reformadora de Garrett no decadente teatro português, aos novos influxos do Romantismo, de Víctor Hugo, de Alexandre Dumas.

Dirigindo, amparando, construindo e criticando, insuflou novo alento ao degradado teatro da pátria de Gil Vicente: das casas de espetáculos à formação de artistas; do estímulo a autores à educação do gosto popular – tudo mereceu seu entusiasmo, dedicação e sacrifício. Desta forma, entre seus méritos incluem-se o resgate do teatro português. E mais do que isso, foi autor de uma obra-prima da cena dramática:

(1821) Catão

É a primeira peça dramática significativa de Garrett. Refere-se ao suicídio de Catão, na época da ditadura de Júlio César. Longos cinco anos impediriam hoje a sua representação. Representada em 1821, teve êxito devido às implicações políticas do entretexo.

(1838) Um Auto de Gil Vicente

Imbuído do propósito de promover a restauração do teatro em Portugal, escreveu peças de temática nacional, como esta recriação de uma época em que viveram dois grandes poetas portugueses: Bernardim Ribeiro e Gil Vicente.

Peça de caráter romântico, trata dos amores de Paula Vicente, filha do fundador do teatro português, por Bernardim Ribeiro, mas este está apaixonado pela infanta D. Beatriz, filha de D. Manuel, e prometida em casamento ao Duque de Saboia.

(1840) D. Filipa de Vilhena

Peça destinada a comemorar o centenário da Restauração. Episódio em que se mistura o enredo amoroso com o político.

(1842) O Alfageme de Santarém

Peça também de caráter histórico, trata do interregno da morte do rei D. Fernando e da luta contra os espanhóis comandada por D. Nuno Álvares Pereira. Entremeadas de canções e xácaras, a peça foge à realidade histórica, mostrando um Nuno

Álvares namorado, e a figura da mulher-anjo em Alda, tipo criado por Garrett.

Mélope (1842)

(1843) Frei Luís de Sousa

É a obra-prima de Garrett. Dividida em 3 atos, inclui vários aspectos da ideologia de Garrett subjacente à sua posição de liberal em luta contra o despotismo miguelista, ao nacionalismo pátrio, ao drama da renúncia e ao próprio conflito nacional e familiar. A arte do diálogo é uma das perfeições de Garrett, sobretudo no segundo ato.

Julgam alguns críticos que o autor transferiu para o texto um pouco do seu drama pessoal, isto é, da sua relação com Adelaide Deville, de quem teve dois filhos mortos em tenra idade e uma filha. Manuel de Sousa Coutinho, frei Luís de Sousa, seria também um Garrett ideal, como desejaria ter sido o escritor e nunca foi, com a necessária capacidade de renúncia, que acaba sendo transferida para Manuel de Sousa no seu drama.

Lembremos que Garrett foi infeliz como marido, infiel como amante, e incapaz de se doar, vivendo por isso sempre dividido.

(1848) A sobrinha do Marquês

Retrato da burguesia ascendente, na época do pombalismo. Contra os seus interesses trabalham juntos o clero e a aristocracia. Pombal aparece como protetor da burguesia, personificado num comerciante; e contra ele se ergue a reação do clero jesuíta, na figura do padre Inácio. O povo, representado por dois empregados, hesita entre o comerciante e o padre. A peça termina com o casamento de um Távora com a sobrinha do Marquês.

== OBRA DIVERSA

(1843) - O Romanceiro é coletânea folclórica: romances populares, xácaras [*], lendas, que ouvia em menino e que afeiçoou nem sempre com fidelidade, ou contribuições alheias, todas afinal da tradição popular, por ele refeitas ou retocadas – Com Adosinda, com Bernal Francês e o Romanceiro, que enfeixa 32 desses romances tão do gosto e do sentimento popular, inaugura nosso autor, inspirado pelas coletâneas inglesas, as pesquisas e os estudos folclóricos. Cabe-lhe a glória de precursor.

[*] xácara

canção narrativa de versos sentimentais, no passado, popular na península Ibérica, e de origem árabe.

A ideia, embora realimentada no exílio, já vinha da infância do autor, quando ouvia das criadas da sua casa, a Brígida e a mulata pernambucana Rosa de Lima, histórias do maravilhoso popular.

No Prólogo, nosso autor explica como procedeu à elaboração dos 37 romances; 5 dos quais deu forma literária. Entre os 32, destacam-se os romances

mais conhecidos do Brasil: Dom Beltrão, Dom Gaifeiros, Dona Ausenda, Dom Aleixo e A Nau Catrineta [inspirado no naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho, em 1565].

Garrett deixou numerosos escritos sobre história, crítica literária, observações de viagem, memórias biográficas, educação e os discursos que fez como deputado. Há que destacar: Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa; cartas que compõem o tratado Da Educação, dirigidas a uma senhora ilustre encarregada da preparação de uma jovem princesa; e os ensaios Portugal na balança da Europa. Vale a pena lembrar também a defesa que fez perante o tribunal quando foi processado pela publicação do poema.

Retrato de Vênus, e a descrição do Castelo de Dudley, quando do seu exílio na Inglaterra. O interesse de Garrett pelo Brasil levou-o a escrever **crônicas**: O Brasileiro em Lisboa, por exemplo.

RESENHA

É a narrativa de uma adorável digressão por terras do **Ribatejo** – antiga província de Portugal; um pretexto a descrições de cândida singeleza: formosura da paisagem, evocações históricas dos lugares, solilóquios de moralista... Mistura de novela, crônica, reportagem.

Foi uma novidade quando o autor, a propósito de uma viagem de Lisboa a Santarém, a convite do amigo Passos Manuel, conta as peripécias ocorridas entre as duas cidades e as reflexões que faz sobre política, literatura, jornalismo, vida mundana...

Repartida em **49 capítulos**, as Viagens trouxeram o estilo coloquial, da conversa entre a gente do povo, libertando o autor a linguagem do peso do academicismo.

Ao chegar a Santarém, Garrett inclui no seu relato a história amorosa da **Joaninha** dos Olhos Verdes – a menina dos rouxinóis – e do seu namorado **Carlos**, na verdade o alter ego de Garrett.

Quarto: uma cela do Convento de S. Francisco, em Santarém.

A história de Joaninha e Carlos é a encarnação do ideal amoroso do autor, que utiliza o processo idêntico ao de Eça de Queirós ao escrever sobre o seu duplo Fradique Mendes. Retorna ao símile da mulher-anjo, na entrevista nas Flores sem fruto. **Carlos é o próprio Garrett**, prisioneiro da ambiguidade amorosa. Como não se decide pela Joaninha nem por Georgina, acaba só.

A breve e deliciosa novela de Joaninha [Ferreira, Joaquim, História da Literatura Portuguesa] Menina e Moça do século XIX escrita por um folhetinista de gênio [no prefácio, por Júlio Dantas]

ESTILO DE ÉPOCA

Romantismo

Garrett: nova estética romântica; um misto de soldado e poeta. *E eis aqui a crônica do passado, a história do presente, o programa do futuro.*

A naturalidade da narrativa disfarça a complexidade da estrutura desta obra, em que alternam e se entrecruzam situações discursivas [diálogos], estilos, narradores e temas muito diversos.

Na construção dos diálogos: o recurso das interrogações e das exclamações, anexos de ligação, modulações operadas por pausas, suspensões e silêncios. Observe:

- Quero... Não quero... Oh! sim, quero mas é morrer.

- Joanhinha! Oh! Joanhinha...

Linguagem coloquial:

- Sossega, Carlos.

Ao lado, da **linguagem formal, conotativa:**

Duas lágrimas, duas pérolas = **Metáfora**

Podemos destacar a narrativa em primeira pessoa; uma **conversa com o leitor:**

Já agora rasgo o véu, e declaro abertamente ao benévolo leitor a profunda ideia que está oculta debaixo desta ligeira aparência de uma viagemzita [cap. II]

Vou *desapontar* decerto o leitor benévolo; [cap. III]

Vamos, pois, com paciência, caro leitor; farei por ser breve e ir direito... [cap. XXXII]

Se assim o pensares, leitor benévolo, quem sabe? pode ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e vá peregrinando por esse Portugal fora, em busca de histórias para te contar. [cap. XLIX]

Pois que esperava ele de mim agora, de mim que ousei declarar-me escritor nestas eras de romantismo, século das fortes sensações, das descrições a traços largos e incisivos que se entalham na alma e entram com sangue no coração? [cap. III]

É como eu devia fazer a descrição: bem o sei. [cap. III]

Repleta de **descrições minuciosas** do fato vivido, típicas do estilo:

Togados manes dos antigos desembargadores, venerandas cabeleiras de anéis e castanhola, que direis, ó respeitadas sombras, se desse limbo onde estais esperando pela ressurreição do Pegas... e do livro quinto — vedes este degenerado e espúrio sucessor vosso, em calças largas, fraque verde, chapéu branco, gravata de cor, chicotinho de cauchu na mão, pronto a cavalgar em mulinha de Palito Métrico como um garraio estudantinho do segundo ano, e deitando olhos invejosos para esse natural, próprio e adscritício modo de condução desembargatória? [cap.II]

ESTRANGEIRISMOS

carroça d'ancien regime:

pulverem olympicum

si parva licet componere magnis (a bossa proeminente hoje é a latina)

Na obra lida, Garrett pôs o problema das contradições que cercam o caráter instável da realidade burguesa, analisando-o dialeticamente. Para tanto, tomou como símbolo os personagens de Cervantes, identificando-os com as contradições existentes entre o espiritualismo e o materialismo. [cap. II]

O **espiritualismo** estaria personificado na figura do Cavaleiro da Mancha; o **materialismo**, na "rotunda e anafada presença" do Sancho Pança. D. Quixote marcharia "sem atender à parte medieval e terrena dessa vida; com os olhos fitos em suas grandes e abstratas teorias, hirtó, seco, duro e inflexível".

A exemplo da história de Cervantes – afirma Garrett – espiritualismo e materialismo constituem dois princípios avessos e desencontrados, mas que andam sempre juntos, ora um mais atrás, ora outro mais adiante, mas "progredindo sempre".

Para Garrett, cuja visão dialética da realidade não é um fenômeno meramente renovado da Razão, há uma ocorrência nesse caminhar, nesse progredir, que se insere na dinâmica do progresso humano. Esse progredir não ocorre arbitrariamente, mas em harmonia com ideais políticos, sociais e culturais, ao lado dos quais seguem paralelamente os ideais literários e artísticos.

INTERTEXTUALIDADE

Uma "[Viagem por Santarém](#)", segundo Almeida Garrett:

Santarém tem um patrimônio monumental notável. Cheia de monumentos e recantos que não deixam ninguém indiferente, é difícil nomear todos os seus pontos de interesse.

No tempo das "**Viagens na minha terra**", de Almeida Garrett, Santarém foi palco de importantes acontecimentos históricos. No início do século XIX, quando a Vila foi ocupada pelos exércitos franceses, muitos edifícios foram vítimas de atos de vandalismo. Almeida Garrett visita Santarém e encontra uma "povoação descaída e desamparada", uma "grande metrópole de um povo extinto, de uma nação que foi poderosa e celebrada, mas que desapareceu da face da terra e só deixou o monumento de suas construções gigantescas." No mesmo capítulo das **Viagens** encontramos "a velha Igreja de S. João do Alporão", construída durante o século XII. Ao lado da Igreja de S. João do Alporão, "cá está a curiosa Torre das cabaças". Garrett menciona também uma visita ao já extinto Convento de S. Domingos. "... *um dos mais antigos estabelecimentos monásticos do reino.*" Aproveite a chance e faça esse passeio cultural!

Que está forte habilidade fazer dar trigo aqui aos nateiros do Tejo, que é como quem semeia em manteiga. É uma lavoura que a faz Deus por Sua mão, regar e adubar e tudo: e o que Deus não faz, não fazem eles, que nem sabem ter mão nesses mouchões com plantio das árvores: só lá por cima é que algumas têm metido, e é bem pouco para o rio que é, e as ricas terras que lhes levam as enchentes.»

nateiro s.m. [nata + -eiro]

camada de lodo que se acumula nas margens dos rios devido às enchentes

O rio é a principal fonte de sedimentos, que são transportados ao longo do estuário até ao mar. Parte do material fino é depositado nos sapais e espalhados de maré e parte é exportado para o mar e depositado em áreas profundas, onde a turbulência gerada pelas correntes e pelas ondas não é suficiente para o ressuspender. Os materiais mais grosseiros são transportados sobre o fundo ao longo dos canais mais profundos. Parafraseando João Guimarães Rosa, podemos dizer "que o povo do Tejo é antes de tudo um forte", apesar das forças das águas.

Da marcha da civilização: e mostra-se como ela é dirigida pelo cavaleiro da Mancha D. Quixote, e por seu escudeiro Sancho Pança. [cap. II]

Um diálogo Ibero-Americano: Cervantes, Garrett e Machado

Objetivo: pôr em contato Espanha, Portugal e Brasil através da literatura, tendo como ponto de referência o *Quixote*. Na abordagem...dois romances: ***Viagens na minha terra (1843)*** de **Almeida Garrett** e *Memórias póstumas de Brás Cubas (1881)* de Machado de Assis, ambas fundamentais para a fundação do gênero literário em seus respectivos contextos.

Para Gilberto Freyre: em *Quixote, a fusão dos tempos*: "desprezo pelo presente com supervalorizações do passado ou do futuro. O Sancho representaria a tendência do homem comum, aldeão ou campônio, das Espanhas, para viver a vida principalmente - nunca exclusivamente - no presente, quando muito também num misto de futuro e de passado místico.

Quixote o narrador não perde de vista o leitor. Assim como a trajetória do cavaleiro manchego o conduz ao desengano, a do autor de ***Viagens*** também representa um documento do desengano político com relação ao verdadeiro propósito dos liberais que, nas primeiras décadas do século XIX, tratam de introduzir em Portugal, provocando alguns tumultos, a nova era liberal e burguesa.

Viagens na minha terra apresenta modulações discursivas que se ramificam em distintas formas narrativas. Em alguns momentos nos encontramos com relatos de viagem que se assemelham às crônicas; em outros, aparecem comentários e reflexões do narrador sobre temas variados; em outros, ainda, nos encontramos com a história amorosa de Carlos e Joaninha. A escrita não evita a linguagem oral e, dentro dessa mistura de estilos, o que mais se preserva é a espontaneidade na expressão.

— *Desgraça do Camões em ter nascido antes do romantismo. — Mostra-se como a Estige e o Cocito sempre são melhores sítios que o Inferno e o Purgatório. [cap. VI]*

Os Lusíadas, de Camões

Fausto, de Goethe - protagonista de uma popular lenda alemã de um pacto com o demônio, baseada no médico, mágico e alquimista alemão Dr. Johannes Georg Faust

A Divina Comédia, de Dante Alighieri

Variedade presente no romance: é possível encontrar uma tensão entre as duas orientações: por um lado se cria uma estrutura fragmentária e, portanto, o que se busca é a **escritura descontínua**, que se detém em **digressões variadas** sobre os homens, a vida e, especialmente, sobre o diálogo que se estabelece com as expectativas e reações diante dos destinos do texto; por outro lado, o romance não se deixa levar pela descontinuidade até as últimas consequências pois, a partir de um determinado momento, a **fabulação predomina** e a história do encontro e desencontro de Carlos e Joaquina se sobrepõe sem dar maior espaço às digressões.

VISÃO CRÍTICA

O romantismo constitui uma tomada de consciência e uma conquista dum senso histórico e dum senso crítico novo aplicado aos fenômenos da cultura. Começa-se a relacionar o Homem com o meio a que pertence e a época de que é produto. *"O instável Carlos das viagens é o expoente de uma época de crise, um moderno que sofre de duplicidade amorosa e acaba por se emburguesar, passando de alma sensível a barão."* [Jacinto Prado Coelho]

As Viagens na minha terra trouxeram à literatura portuguesa do século XIX um ar de naturalidade e de espontaneidade coloquial que substituiu a estilística tradicional. Garrett é assim o precursor da linguagem queirosiana.

Prosa liberal e romântica, as Viagens têm a mesma importância que as Folhas Caídas. São duas criações artísticas, na prosa e na poesia, que dão o tom à imaginação e à idealização garrettianas. A carta que conclui a novela, carta de Carlos a Joaquina, é o fecho dramático de quem não sabe escolher, da dubiedade e vacilação. Garrett não aprendera a lição que nos transmitiu em Dona Branca, quando a fada Alina diz a Aben-Afan: *É forçoso escolher.*

[in Nossos Clássicos, Garrett, Coleção criada por Alceu Amoroso Lima, Roberto Alvim Corrêa, Jorge de Sena, a partir de 1984, sob a coordenação de Pedro Lyra, professor de Teoria Literária da UFRJ, Editora Agir]
